

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL	
Data	1 / 1
Cod.	YAD 00454

RELATÓRIO FINAL

VIAGEM DE AVALIAÇÃO PRELIMINAR DA SITUAÇÃO
SANITÁRIA NAS ÁREAS DE CARIMPO NO TERRITÓRIO
YANOMAMI EM RORAIMA
(18/AGOSTO/1988 A 9/SETEMBRO/1988)

DR. ISTVÁN VAN DEURSEN VARGA - MÉDICO SANITARISTA
(ASSISTENTE TÉCNICO DO CADAIS - ASSESSORIA DO
ABINETE DO SECRETÁRIO DA SAÚDE DO ESTADO D.
S. PAULO)

I. DA ORGANIZAÇÃO DA VIAGEM EM SÃO PAULO

O convite que nos foi feito pela CCPY teve um caráter francamente emergencial. Em 13 de agosto de 1988 recebemos, em nossa residência, um telefonema de Beto Ricardo (CEDI), que nos inquiria a respeito da possibilidade de realizarmos uma viagem, a ser organizada em curtíssimo prazo, por um período igualmente curto (cerca de 2 semanas) no território Yanomami. Tal viagem seria organizada pela CCPY, em função de oportunidade que se apresentara, em Boa Vista, de enviar pequena equipe de saúde (a ser organizada pelo Secretário de Saúde daquele município - Dr. Mozart) às áreas de garimpo daquele território; esta pequena equipe poderia, simultaneamente, buscar levantar alguns dados sobre a situação de saúde dos Yanomami na área, sendo necessário, para tanto, a presença de um profissional de saúde minimamente capacitado, e que pudesse ter alguma compreensão da problemática local. Com este intuito, Dr. Mozart procurara D. Aldo Mongiani, bispo de Roraima, de modo que este pudesse indicar tal profissional; este, por sua vez, remeteu-se à CCPY.

No mesmo dia, 13 de agosto, marcamos um encontro preliminar, com Cláudia Andujar, da CCPY, na residência de nosso amigo e companheiro de trabalho Ailton Krenac.

Nesse encontro, ficou claro que tal viagem teria de ser efetuada imediatamente, logo na próxima semana, e que seria custeada pela CCPY (passagens aéreas de ida e volta a Boa Vista, estadia, alimentação, equipamento pessoal e de pesquisa necessário, além do eventual custeio do transporte aéreo para e no garimpo, caso não fosse coberto pela Secretaria de Saúde do Município, e de um "pro-labore" a nós destinado por este serviço, a ser oportunamente estabelecido). De nossa parte, procuramos deixar claro que dispúnhamos ainda de um período de 15 (quinze) dias de férias referentes às nossas atividades na Secretaria de Estado de Saúde, e que estaríamos dispostos a dele lançar mão caso não fôssemos autorizados a nos afastar oficialmente de nossas atividades no serviço público, para este trabalho. Como não houvesse tempo hábil para providenciar estes encaminhamentos burocráticos (tanto de meu afastamento regulamentar para serviço, como da solicitação, em último caso, do período de férias já citado, a serem feitos com no mínimo 30 - trinta - dias de antecedência) comprometemo-nos a buscar viabilizar alternativas, bem como estipular o valor do pro-labore. Enquanto isso, Cláudia Andujar faria os contatos em Boa Vista.

Já em 14 de agosto, através de contato telefônico, Cláudia nos dizia que tudo estava acertado com Boa Vista, e que a viagem teria forçosamente que ser realizada na mesma semana, provavelmente no máximo até quinta-feira, de maneira que pudéssemos chegar em Boa Vista em dias úteis, e estabelecer contatos com D. Aldo, antes que este viajasse na 3ª feira, dia 23 de agosto.

Na segunda feira, dia 15 de agosto, estabelecíamos contato com nossos companheiros de trabalho na Secretaria, que muito solidariamente prestaram todo o auxílio e todas as informações necessárias, além de terem se comprometido a acompanhar as etapas relativas ao processo de nosso afastamento, bem como de efetuar todos os respectivos trâmites, em nossa ausência. Foi-nos aconselhado que requisitássemos um telex de D. Aldo, de Boa Vista, em que este, dirigindo-se ao Secretário de Saúde de S. Paulo, nos solicitasse para tal serviço.

Em 16 de agosto, 3ª feira, ficou estabelecido com Cláudia Andujar, através de contato telefônico, que a quantia referente ao "pro-labore" desta viagem de trabalho seria de Cz\$200.000,00 (duzentos mil cruzados) líquidos, acrescidos de um valor, a ser calculado, referente aos impostos que incidiriam sobre a mesma. Tal quantia foi resultante do arredondamento do resultado final do cálculo dos rendimentos que obteríamos em nosso consultório particular, supondo um movimento ideal por um período de duas semanas (consultas cobradas em OPNs, valor final convertido em cruzados). Como este cálculo foi efetuado por nossa secretária (nossa esposa, que nos secretaria no consultório) houve um equívoco, de nossa parte, na medida em que já estava claramente estabelecido que esta viagem não poderia ser realizada em apenas duas semanas (embora este fosse o período ideal de duração de nossa ausência, em vista de nossos outros compromissos). Em conversas anteriores com Cláudia Andujar, que acumula grande experiência de trabalho na região, ficou claro que em quinze dias seria impossível fazer todos os contatos necessários, os preparativos, penetrar na área e realizar minimamente o levantamento proposto; com muita sorte poderíamos obter alguns resultados após cerca de vinte ou trinta dias. No entanto, também esclarecíamos a Cláudia que nosso prazo máximo de viagem seria de 30 dias, em vista de nossos outros compromissos profissionais, já citados, e que na medida do possível buscaríamos realizá-la (competentemente, sem comprometer o trabalho em curso) em menos de trinta dias: - tudo dependeria do desenrolar dos acontecimentos.

Em 17 de agosto, quarta-feira, pela manhã, recebíamos o telex de D.

Aldo em nosso escritório, na Secretaria de Saúde. À tarde nos reuníamos no escritório da CCPY com Cláudia Andujar e Abel, para uma rápida e derradeira conversa a respeito da viagem. Foram-nos entregues, a título de sugestões de roteiro de trabalho, dois questionários (dada a exiguidade do tempo disponível para conversarmos mais longa e detalhadamente a respeito), bem como vários mapas da região. Recebemos (como havíamos sugerido) um pequeno gravador e fitas cassete para eventuais entrevistas e outras gravações. Como a CCPY não dispusesse de equipamento fotográfico próprio (apenas o equipamento pessoal de Cláudia), nos propusemos a utilizar nossa própria câmera (Olympus OM-1, lente Zuiko 50mm) por considerarmos que poderíamos obter material fotográfico-documental bastante interessante. Cláudia nos disse que poderíamos obter filmes TX-Pan, Kodak-400 ASA (embora vencidos, adequadamente conservados em geladeira) no próprio escritório da CCPY em Boa Vista; Cláudia também afirmara que a CCPY cobriria as despesas referentes à manutenção da máquina, na volta a São Paulo (limpeza completa do equipamento, pois viria a ser exposto a condições adversas).

Recebíamos também uma quantia de Cz\$60.000,00 (sessenta mil cruzados), referentes a "adiantamento" de parte do "pro-labore", e de Cz\$140.000,00 - cento e quarenta mil cruzados (relativos às "diárias" destinadas a cobrir as despesas com alimentação, hospedagem e aquisição de outros equipamentos necessários), dos quais (Cz\$140.000,00) fomos devidamente informados de que deveríamos prestar contas ao retornarmos. Recebemos todas as indicações de como proceder com nossos contatos em Boa Vista, bem como suas referências. Ficou combinado que, se eventualmente tivéssemos a oportunidade de colher amostras de água dos igarapês e rios das áreas de garimpo, estas seriam por nós enviadas a São Paulo, por via aérea, logo que possível, sendo que a CCPY se encarregaria de encaminhá-las para as devidas análises laboratoriais, conforme contatos já previamente estabelecidos com os órgãos técnicos competentes.

Em 18 de agosto, pela manhã, recebíamos em nossa residência as passagens aéreas (São Paulo-Boa Vista-São Paulo) enviadas pela agência de viagens. Por volta das 11:00 horas nos demos conta de nosso equívoco, com relação ao cálculo do valor do "pro-labore". Telefonávamos então para Cláudia Andujar, buscando explicar o ocorrido, solicitando que verificasse se seria factível efetuar o acréscimo correspondente ao tempo que excedesse os 15 dias previstos. Cláudia, naturalmente surpreendida pelo mal entendido, nos disse que certamente tal acréscimo seria dificilmente realizável, em vista do alto custo global que envolveria nossa viagem (além das

despesas já previstas, seria possivelmente necessário cobrir os custos relativos ao nosso transporte - aéreo - para as áreas de garimpo). Concordando com tal argumento, e com o fato de que fora nosso o equívoco, e compreendendo a importância e o significado deste trabalho, afirmávamos que de nenhum modo este mal-entendido viria a se constituir num obstáculo para a sua execução. Em vista do ocorrido, Cláudia fez também questão de esclarecer o procedimento a ser adotado pela CCPY caso não fosse aprovado nosso afastamento do serviço pelo período (máximo) de 30 dias (o que implicaria em prejuízo de nossos vencimentos, esgotados os quinze dias que dispúnhamos para o gozo de férias, ainda em 1988); e ficou estabelecido que a CCPY cobriria tais prejuízos, na medida do possível.

Já no aeroporto, antes de embarcarmos, telefonamos novamente para Cláudia, buscando novamente desfazer quaisquer resquícios do mal-entendido, e afirmávamos que não deveria mais se preocupar com o acréscimo, referente aos rendimentos de consultório, que solicitáramos ao valor do "pro-labore" pelo período excedente aos 15 dias. Executaríamos nosso trabalho, da melhor maneira possível, dentro do limite máximo de 30 dias, pelo valor anteriormente estabelecido. E mesmo, buscamos deixar claro que não era a lógica empresarial que nos movia para tanto; faríamos tal trabalho da mesma maneira, mesmo que a remuneração fosse muito inferior, em função de nosso compromisso pessoal com o movimento indígena e em nome deste. Não havia motivos para que subsistisse qualquer constrangimento ou mal-entendido face ao ocorrido.

II. OS TRABALHOS EM BOA VISTA

Logo ao chegarmos a Boa Vista fomos recebidos por Carlo, e nos dirigimos à sede da CCPY, onde pudemos conversar longamente, obter algumas informações gerais sobre os Yanomami e seu território e sobre alguns dos últimos acontecimentos na área. Naquela noite nos hospedamos no apartamento de Cláudia Andujar (anexo à sede da CCPY). No dia seguinte nos dirigimos ao Hotel Casa Nova, onde estivemos hospedados até nossa partida ao Paa-piú, em 30/8/88.

A seguir apresentaremos, pontualmente, a sucessão cronológica dos principais eventos e de nossas atividades neste período, para finalizar com um breve comentário sobre esta etapa dos trabalhos

(maiores detalhes foram descritos em relatório verbal prestado à CCPY em 15/9/88, devidamente registrados em fitas cassette).

20/8/88 - fomos apresentados por Carlo a Dom Aldo, em reunião realizada na residência deste último, que se comprometeu a entrar em contato com Dr. Mozart e marcar novo encontro.

21/8/88 - nos reuníamos novamente na casa de D. Aldo, com este e Dr. Mozart, ao qual fomos então apresentados. Ficou acertado que este, a seu turno, nos apresentaria ao presidente da associação dos garimpeiros ("Baixinho"), que se comprometera a contribuir com nossa ida à área. Por sua vez, Dr. Mozart se responsabilizou de providenciar enfermeiro e auxiliar de enfermagem, todo o equipamento médico necessário, mantimentos, bem como a estabelecer todos os contatos com as agências de voo de modo a providenciar nosso transporte até o local, cujo custo, no entanto, teria de ser assumido por D. Aldo caso não fosse coberto pela própria associação dos garimpeiros (este, a seu tempo, encarregou a própria CCPY, após o término da reunião e a saída de Dr. Mozart, de encaminhar a verba necessária para tanto, através de Carlo, que a remeteria à irmã Fátima, que por sua vez estaria encarregada de entregá-la ao Dr. Mozart, na ausência de D. Aldo).

Cumpra aqui ressaltar que Dr. Mozart afirmou que seria necessário cobrar nossos trabalhos de assistência no garimpo em gramas de ouro, para que nossa presença não causasse estranheza aos próprios garimpeiros, não habituados a serviços gratuitos. Embora nos opuséssemos insistentemente a esta atitude, procuramos não criar maiores problemas, e transigimos sobretudo quando Dr. Mozart nos disse que o próprio enfermeiro se dispusera a este trabalho sob esta condição... Dr. Mozart prometera entrar em contato conosco tão logo tivesse alguma resposta concreta quanto aos voos.

Em contatos telefônicos posteriores com São Paulo foi-nos recomendado que, caso a cobrança de nossos serviços no garimpo (em ouro) fosse inevitável, que restituíssemos tal ouro, em nosso retorno a Boa Vista, à própria Associação dos Garimpeiros, mediante recibo emitido por esta, para que este precedente não instrumentalizasse eventuais ataques à atuação da CCPY.

24/8/88 - Dr. Mozart nos apresenta ao "Baixinho" (presidente da Associação dos Garimpeiros de Roraima), na sede desta. Fomos por este convidados a almoçar em sua casa, onde gravamos longa entrevista (fitas cassette). À tarde gravamos outra entrevista com dois

"pesquisadores" (descobridores de novas "grotas"), bastante reveladora, e que desmentiu várias informações de "Baixinho" (como a de que não haveria garimpeiros na área do Surucucus: foi confirmado que a área estaria sendo invadida em vários pontos, principalmente ao Sul, na região do Pico Redondo - tal informação foi revelada acidentalmente por um dos pesquisadores durante conversa que gravávamos, motivo por que foi seriamente repreendido pelo companheiro que sugeria que a fita fosse queimada para não comprometer essas "fofocas"; conseguimos demovê-los desse intuito após algumas cervejas...). Também com estes nos informamos sobre o preço de uma passagem até o Paa-Piú: - estaria em torno de Cz\$40.000,00.

25/8/77 - Novo encontro com "Charles" (o pesquisador) em que se propôs a conseguir-nos um lugar num dos vãos ao Paa-Piú (se possível uma "Carona") visto que até então Dr. Mozart não tinha tomado qualquer atitude concreta para viabilizar nossa ida ao garimpo (sequer entrara em contato com a agência de viagens ou com os pilotos, embora nós não aguardássemos os seus contatos conosco, como fora por ele prometido, e tomássemos a iniciativa de cobrar diariamente suas respostas...).

Ainda na mesma noite soubemos que finalmente Dr. Mozart conversara com um piloto, que lhe oferecera um voo fretado por Cz\$300.000,00 (o que consideramos uma exorbitância!...).

Telefonamos então a Abel, em São Paulo, solicitando que enviasse o quanto antes a verba para os vãos. Informávamos as cifras citadas por Dr. Mozart (Cz\$300.000,00) e sugeríamos que enviasse apenas Cz\$100.000,00, que seria mais do que suficiente para custear nossa ida ao Paa-Piú (mesmo que acompanhados do enfermeiro). Nosso retorno a Boa Vista, gratuito, seria (segundo Charles) facilmente arranjado na própria área. Abel nos afirmara que o envio da verba seria operação bancária bastante rápida, e que talvez ainda no dia seguinte, 6ª feira, estivesse já em mãos de Carlo, em Boa Vista.

26/8/88 - Como Dr. Mozart também não providenciara ainda mantimentos, o enfermeiro, nem o equipamento médico (embora ainda, como dantes, aguardássemos os seus contatos sucessivamente prometidos - e nunca realizados) resolvemos tomar uma atitude concreta: compramos nossos próprios mantimentos, e nos dirigimos à Secretaria de Saúde do Município, onde nos dizia já ter todo o equipamento de saúde à disposição; ao lá chegarmos contatamos que nada fora providenciado (como nos dissera) e resolvemos montar alguns conjuntos de medicamentos (entre os pouquíssimos encontrados) em algumas caixas de

papelão que conseguíamos. Tomamos tais atitudes à revelia do anteriormente combinado com Dr. Mozart, argumentando que nosso tempo disponível era curto e se esgotava rapidamente, e que partiríamos o quanto antes ao Paapiú. Insistíamos que enviasse o enfermeiro e demais equipamentos logo que possível (com o que concordou prontamente).

À noite nos dirigimos à CCPY para buscar, de algum modo, complementar o equipamento totalmente insuficiente fornecido por Dr. Mozart (sequer dispúnhamos de anti-maláricos) com o que restava ainda dos materiais utilizados pela equipe de saúde da CCPY. Também fomos informados por Carlo que a verba não chegara a Boa Vista.

27/8/88 - À noite, cervejada com Charles e seu companheiro, que se responsabilizou por levar-nos, já ao raiar do dia seguinte, a uma agência de viagens onde nos conseguiria "encaixar" num dos vãos, no mesmo dia.

28/8/88 - Pela manhã nos dirigimos com Charles e seu amigo à agência "Ouro Fino", onde permanecemos de plantão durante todo o dia, conversando com pilotos, para conseguir nossa ida. A única possibilidade de viajar no mesmo dia (apenas vãos de "lançamento" de cargas e provisões) seria a de que nos encaixássemos num dos vãos como lançador, o que nos permitiria viajar apenas por Cz\$25.000,00. Concordamos em fazer os "lançamentos" (trabalho bastante arriscado, tendo ocasionado já várias mortes de "lançadores" que se desequilibram e caem do aparelho ao empurrar a carga pela porta) desde que não tivéssemos que pagar pelo vão (os "lançadores profissionais" recebem por cada serviço!...). Tudo parecia estar acertado.

Neste ínterim, outro piloto que acompanhava nossas conversas convenceu-nos a desistir da idéia, dado o grande perigo, prometendo-nos que nos levaria gratuitamente em seu próprio aparelho, no dia seguinte.

Regressamos ao hotel.

29/8/88 - Tornamos à agência "Ouro Fino", onde permanecemos todo o dia à espera do piloto, que só veio à tarde, e com a notícia de que não partiria naquele dia por ter tido problemas na revisão de seu aparelho. De qualquer maneira, providenciaria que ao menos as caixas de medicamentos fossem enviadas ao Paa-Piú (o que diminuiria o peso de nossa bagagem e facilitaria nossa colocação em outros vãos) além de tentar conseguir alguma vaga em outros aparelhos que para lá se dirigissem.

Assim, finalmente as caixas foram enviadas ao Paa-Piú e seriam deixadas na pista junto ao barraco da Polícia Militar; fomos apresentados a outro piloto que prometeu levar-nos no dia seguinte pela manhã.

Tornamos ao hotel.

30/8/88 - Pela manhã embarcamos (finalmente) para o Paa-Piú, com vários garimpeiros no aparelho de prefixo PT-EAL. Pelo telefone, soubemos que, às 11:00 horas, o dinheiro ainda não chegara ao banco em Boa Vista...

Ainda no aeroporto de Boa Vista encontramos com "Baixinho", casualmente, que nos dizia que teria um encontro com o ministro do Interior, que então visitava Boa Vista, e que iria ao Paa-Piú o quanto antes; que o aguardássemos no barraco da Associação, pois ele nos encaixaria nos vários vôos que realizaria às diversas grotas da região, com helicóptero fretado da Associação, que ora promovia ampla campanha de cadastramento dos garimpeiros (com fotógrafo e secretário contratados para tanto).

Antes de passarmos à descrição de nossos trabalhos no Paa-Piú, algumas observações com relação à fase transcorrida até então:

I - Quanto ao atraso de nossa ida à área de garimpo propriamente dita (12 dias em Boa Vista, que teriam se prolongado não fosse nossas iniciativas)

1- Pouco empenho ou ineficiência de Dr. Mozart em suas articulações, visto que deveria responder por um papel central nesta expedição (ou ao menos em sua organização)

2- O atraso no envio da verba de São Paulo (que embora estivesse submetido às tramitações bancárias de praxe; e embora não tenha tido qualquer consequência concreta, visto que já tínhamos conseguido um vôo (e gratuito), que na verdade já poderia, pelo menos em parte, ter sido anteriormente prevista e estar à nossa disposição em Boa Vista (mesmo que aplicada no mercado financeiro), o que eventualmente, em outras condições, nos teria poupado um atraso de pelo menos 4 dias.

II - Quanto às atividades realizadas neste período, poderíamos com segurança afirmar que, apesar do atraso que representou a ida a campo, este foi bastante rico e significativo se considerarmos as informações então colhidas, o tempo utilizado integralmente para o estudo dos mapas e de aspectos da região, além da oportunidade de observarmos bem proximamente certas dinâmicas de várias instituições e grupos (como a

Associação dos Garimpeiros, agências de viagens, pilotos, "pesquisadores", etc...) bem como da política local.

III - OS TRABALHOS NO PERI-PAAPIÚ

Em 30/8/88, portanto, por volta das 12:30 hs., chegávamos ao Paa Piú. Logo ao chegarmos, procuramos o barraco da Associação dos Garimpeiros onde deixamos nossa bagagem, e fomos à procura dos medicamentos previamente enviados. Soubemos que foram remetidos, na verdade, ao posto da FUNAI, para o qual nos dirigimos e onde realizamos nossas primeiras gravações.

A seguir, o relato pontual dos principais acontecimentos:

30/8 - gravações realizadas (parte em registro não explícito de conversa informal, parte de entrevista explícita com funcionário da FUNAI)

- gravações realizadas (idem) com garimpeiros provenientes da grota do Tarzan (a oeste do Paa-Piú), apresentando lesões sugestivas de leishmaniose, em que nos confirmam participação de militares e policiais militares no garimpo, além da entrada de armas e álcool através de "lançamentos": nossa curiosidade pelo assunto já despertava desconfiança entre os garimpeiros

31/8 - reconhecimento da área

- fotografias

- apresentados a Sérgio - "gerente" dos negócios da Associação dos Garimpeiros no Paa-Piú (líder da "equipe": - fotógrafo, dois secretários, "cozinheira" e (...) o "médico"...), responsável pelo combustível disponível na pista, pelo contato com as agências de vôos e helicópteros da pista, pela administração de todos os assuntos referentes ao barraco.

- apresentados ao "pesquisador" Araújo (sócio de Sérgio, como soubemos depois, na exploração de uma grota com possível utilização de mão-de-obra Yanomami, a ser providenciada através de "João Davi", da 1ª maloca) que nos afirmava que já haveriam casos de malária autóctones da área entre os garimpeiros, e que a malária geralmente se instalaria (segundo suas observações, de garimpeiro de reconhecida experiência e de respeito entre seus companheiros) a partir da exploração mecanizada ("maquinário") que tenderia a provocar grandes

fossos com água coletada o parala, no redor das quais normalmente se acumulam os dejetos e resíduos de toda a ordem da "turma" de trabalho, o que facilitaria a proliferação de mosquitos.

1/9/88 - Como Sérgio projetasse a mudança do barraco para outro ponto da pista, em vista de sua "construção" ter sido efetuada exatamente ao lado de uma pequena lagoa, repleta de larvas de mosquitos, considerando que a "cozinheira" nos deixara para juntar-se a outra "turma", e como todo o resto da "equipe" fosse convocada aos trabalhos de construção do outro barraco, passamos este dia todo com as tarefas da cozinha.

2/9/88 - Cozinhamos.

- buscamos estabelecer contatos para conseguir caronas de helicópteros para outras pistas ou clareiras, em vista do atraso de "Baixinho". Também soubemos, por Sérgio, que os pilotos levantavam várias suspeitas quanto a nossa presença na área. Buscamos, na medida do possível, desfazer o clima de suspeitas.

- queda de avião nas matas próximas ao Paa-Piú, logo após a decolagem. Não houve vítimas.

- presenciámos a chegada de uma mulher proveniente da grotta do Tarzan, que dizia ter feito grande quantia de ouro com os seus serviços "profissionais" (cozinha e prostituição) além da venda de uma mala repleta de munições, que trouxera de Boa Vista

- conseguimos uma vaga para um vôo de helicóptero no dia seguinte, à grotta do "Caveira".

- à noite, chegada de "Baixinho" que nos propõe irmos juntos em "varação" (caminhada através da selva), com toda a equipe, até a grotta do Caveira, logo na manhã seguinte entendemos que tal proposta seria mais conveniente e interessante, inclusive considerando que até então Dr. Mozart nada e ninguém enviara de Boa Vista ao PaaPiú).

3/9/88 - Às 9:00 hs., em meio a uma chuva leve, saímos em "varação" (que "Baixinho" nos afirmara, com toda a segurança, que duraria no máximo 3 horas)

- por volta das 12:00 horas, ainda no 1º quarto do caminho, e sem termos até aquele momento a menor noção das reais dimensões daquela jornada, encontrávamos um caçador Yanomami, e como estivéssemos mais adiantados que os outros na caminhada, pudemos nos deter por algum tempo e com este buscar algum diálogo (embora falasse apenas algumas palavras de português). Este se mostrou surpreso por sermos médico, e dizia ter várias mulheres e crianças com malária na maloca (não pudemos entender exatamente que maloca seria esta). Como não

podéssemos explicar-lhe claramente a utilização de outros anti-maláricos, fornecemos-lhe uma quantidade de comprimidos de cloroquina, buscando deixar claro que se tratava de uma conduta quase que sintomática; que buscasse melhor tratamento, por exemplo, junto à FUNAI (para com a qual demonstrou uma clara antipatia, logo ao ouvir tal sigla). Mais adiante, Baixinho nos chamava, muito assustado, para que fornecêssemos mais cloroquina, pois o mesmo índio teria ameaçado com seu arco e flecha solicitando mais medicamentos, o que nos causava espanto pois o Yanomami se apresentava sorridente e bem humorado...

- por volta das 15:30 - 16:00 hs. parávamos para um pequeno descanso em meio a uma chuva torrencial, famintos, esgotados pela dura caminhada (mochilas pesadas, preparadas para uma jornada de "apenas 3 horas") em trilhas completamente enlameadas e pejudas de atoleiros, com a triste e assustadora confirmação: "Baixinho" não conhecia, na verdade, aquele caminho... anoiteceríamos na mata?...

- por volta das 18:00 horas, orientados pelo barulho das máquinas, chegávamos ao primeiro barraco na trilha do Caveira, onde pernoitamos (e deixamos para trás uma calça comprida, feita em trapos pela caminhada)

4/9/88 - Por volta das 7:30 hs. retomávamos a trilha do Caveira. Antes porém, o fotógrafo e o "secretário" conseguiram fazer alguns cadastramentos (ao custo de 4 g. de ouro cada...)

- por volta das 10:00 hs. chegávamos ao núcleo da exploração do "Caveira", onde visitamos vários barracos, inclusive o do Sr. Elias, o 1º explorador "empresarial" da grota, "proprietário" da pista de pouso na área (de onde lucrava 10g de ouro por pouso)

- buscávamos nos distanciar um pouco de Baixinho e de sua "equipe", em parte por ficarmos retidos no tratamento de doentes (hepatite, leishmaniose, malária), em parte para não sermos constantemente utilizados como atrativo à Associação dos Garimpeiros e ao culto personalístico de Baixinho, e em parte para adquirirmos maior autonomia de movimento, enfim.

- registramos fotograficamente e em gravações, o aspecto das lesões cutâneas e os depoimentos de garimpeiros acometidos de um estranho e desconhecido (ao menos para nós) quadro cutâneo, chamado ali de "rói-rói", aparentemente contraído após um curto período de trabalho em meio a um certo tipo de lama em camadas de subsolo logo abaixo do material aurífero: a "lagresa".

- coleta de amostra de "lagresa" para análise laboratorial em São Paulo (o Sr. Elias nos dizia já ter feito análise daquele material em Manaus, em que se constatara a presença de certos metais, dos quais não nos poderia revelar os nomes)

- documentação fotográfica de cada etapa da extração aurífera e de seus respectivos equipamentos

- entrevista gravada com Leônidas ("Paraíba") - liderança reconhecida pelos garimpeiros, ex-companheiro de José Altino, envolvido no episódio de 1984 de invasão de Surucucus; homem perigoso e violento (e instruído), envolvido em processo motivado por agressão a funcionário da FUNAI e incêndio criminoso de maloca Yanomami no Surucucus (sic)

- diagnóstico, orientação, tratamento preliminar e encaminhamento de vários casos de malária e hepatite

- à noite nos hospedamos no barraco do Sr. Fonseca, que nos pediu encarecidamente visitássemos uma maloca próxima, em que os índios estariam em péssimas condições (muito felizes com tal oportunidade - inesperada - constatamos que se tratava de uma "turma" bastante diferenciada ali: - uma pequena comunidade de garimpeiros "cristãos").

5/9/88 - por volta das 8:00 iniciamos a caminhada à "4ª maloca", já sem a presença de "Baixinho" e de sua intrépida "equipe" (que no dia anterior, interessado em criar mais um fato político favorável à Associação dos Garimpeiros e ao seu presidente, mostrou-se muito interessado em acompanhar-nos à maloca, tendo desistido de seu intento tão logo soube que isso implicaria em refazer mais de 2/3 de nossa fatídica caminhada, empreendida no dia 3/9, do Paapiú ao Caveira; no entanto, recomendou-nos (e ao Sr. Fonseca) repetidas vezes que deixássemos claro na maloca que estávamos a serviço da Associação, e que para lá fôramos enviados pelo "Baixinho"...))

- por volta das 11:30 horas chegávamos à 4ª maloca, próxima às margens do rio Couto de Magalhães, onde fomos recebidos por uma festa da criançada.

- sem a presença de algum "tradutor", buscávamos com dificuldade nos comunicar com os índios, tentando caracterizar os inúmeros quadros febris de adultos e crianças. Numa população de cerca de 100 habitantes (entre adultos e crianças), pudemos constatar pelo menos 5 casos bastante sugestivos de malária, 1 caso de pneumonia em criança de cerca de 8 meses de vida, 1 caso de diarreia aguda, para os quais não dispúnhamos de equipamento e medicamentos suficientes para tratamento adequado, que aliás necessitaria de profissional de saúde que fizesse um acompanhamento permanente, em vista da imensa dificuldade não apenas de realizar as anamneses, mas de explicar-lhes as condutas adequadas.

- coleta de 2 lâminas de sangue periférico entre os suspeitos de malária (os demais se recusaram a fazê-lo)

- chegada de "Pedrinho", Yanomami da região do Auariá, que habitava a 4ª maloca, e que muito nos auxiliou a traduzir as orientações mínimas que podíamos sugerir aos doentes, aos quais buscávamos inclusive explicar que dispúnhamos apenas de tratamentos parciais e sintomáticos, e que devíamos buscar tratamento adequado junto ao posto da FUNAI no Paa-Piú (o que despertou nítida antipatia nos Índios; buscamos explicar-lhes que a FUNAI era obrigada a prestar-lhes a devida assistência, e que tinha condições para tal, enquanto deixávamos claro que não tínhamos qualquer ligação com aquela instituição).

- entrevista gravada com Pedrinho, que nos causou muito boa impressão pela sua postura bastante consciente, embora cautelosa (visto que estávamos acompanhados de garimpeiros - e por eles fomos trazidos), de crítica e oposição coerente ao garimpo e à FUNAI. Confirmava-nos também o envolvimento anterior de um ex-funcionário da FUNAI - o "golaba", com a exploração de uma "grotá" da região, para a qual conseguira a ajuda dos próprios Yanomami.

- entrevista com um dos velhos da aldeia, traduzida por Pedrinho, em que denunciava frontalmente as atividades do garimpo e os garimpeiros (à revelia de nossos companheiros de viagem, que se constrangeram bastante com tal depoimento, e com o fato de que fora gravado, pois até então se empenhavam em denunciar a FUNAI, buscando afirmar que a única assistência aos Índios provinha dos próprios garimpeiros).

- por volta das 14:30 horas iniciávamos nossa caminhada de retorno ao Caveira; durante esta pequena jornada, Sr. Fonseca se mostrava muito inquieto, reticente e aborrecido conosco. Buscando esclarecer os motivos de tal atitude, constatamos que a "omissão" de nossa parte, quanto à declaração pública de nossa ligação com a Associação dos Garimpeiros e com o "Baixinho" - à que por este fomos insistentemente recomendados na véspera -, bem como o teor das questões que formulamos a Pedrinho e ao velho Yanomami, e a gravação destes depoimentos, despertara neste uma grande desconfiança para conosco. Exigia inclusive que destruíssemos esta fita. Buscando recuperar o clima informal de amizade e descontração, desfazendo as desconfianças e preocupações do grupo, paramos para uma pequena refeição à beira de um regato (onde, sem perceber, sentamos sobre um escorpião!... Mas não houve acidente).

- por volta das 18:00 horas chegávamos ao barraco da "turma" do Fonseca, onde pernoitamos.

Em vista do ocorrido na maloca Yanomami, do clima de suspeita que já

se criara, também no Caveira, em torno de nossa presença e intenções, e em vista de que já estávamos de posse de um material documental razoável, o qual já por duas vezes fora alvo de grande desagrado dos garimpeiros, que também em dois momentos chegaram a cogitar a possibilidade de destruí-lo parcialmente, e considerando que "Baixinho" ainda não tinha conhecimento do ocorrido, nem do conteúdo deste nosso material, achamos oportuno iniciarmos nosso regresso a Boa Vista, antes que o clima se agravasse, que encontrássemos "Baixinho" ou que os garimpeiros se convencessem, de fato, da necessidade de destruir as gravações comprometedoras.

6/9/88 - logo pela manhã, iniciávamos nossa caminhada à pista de pouso do Caveira, onde chegamos por volta das 9:00 hs.

- às 10:00 hs., conseguimos que um aparelho que lá pousara, carregasse um garimpeiro enfermo (hepatite) a Boa Vista.

Fomos também informados de que um garimpeiro, num dos barracos mais remotos do Caveira (a cerca de 3 horas de caminhada da pista) fora picado, por volta das 6:00 hs., por uma cobra coral. Exigimos então que se solicitasse pelo rádio, com urgência, um helicóptero do Paa-Piú, que removesse o acidentado da clareira e o levasse a Boa Vista, dada a grande gravidade do acidente (facilmente mortal) e do tempo já decorrido (cerca de 3 horas e 30 minutos); além disso, não dispúnhamos do soro anti-elapídico, específico e indispensável para o caso. O contato com o Paa-Piú foi rapidamente estabelecido, e informaram que o helicóptero já estava a caminho.

- às 10:45 hs. conseguimos uma carona ao Paa-Piú

- por volta das 11:00 hs. chegávamos ao Paa-Piú, onde fomos revistados pela polícia militar, o que não ocorrera quando viemos de Boa Vista

- imediatamente buscamos nos informar sobre o acidentado. Constatamos que o helicóptero ainda não partira, e que os pilotos discutiam se valeria a pena socorrer o homem. Duramente repreendidos por nós, devido à sua demora no socorro, finalmente organizaram o voo do helicóptero.

- enquanto buscávamos algum medicamento útil em nosso equipamento para fornecer algum socorro ao acidentado, pois acompanharíamos o paciente até Boa Vista, nos encontramos com "Baixinho" e cia., que nos convidaram a acompanhá-los a uma nova viagem ao Mucajaí; em face da gravidade do acidente (e dos motivos já anteriormente citados...) recusamos o convite.

- enquanto preparávamos, rapidamente, os medicamentos, uma comunicação de rádio informava que o acidentado acabara de falecer.

Separamo-nos então da equipe de resgate, e iniciamos a preparação de nossa bagagem para regressarmos a Boa Vista.

- conforme aconselhados por Carlo da CCPY, desfizemo-nos dos medicamentos, entregando-os a um farmacêutico que justamente instalara sua cantina na pista - o "Alfredo", que também demonstrava uma boa experiência clínica. Recomendamos, contudo, que não cobrasse pela aplicação dos medicamentos que ora doávamos, graciosamente. Muito agradecido, Alfredo nos oferece um banho de chuveiro e uma coca-cola (preciosidades!...), e ajudou-nos a conseguir, de imediato, um voo a Boa Vista.

- presenciamos (e gravamos, discretamente) uma conversa entre João Davi - Yanomami convivente com a FUNAI - e "Lobinho", sócio de Sérgio nos negócios de garimpo, em que combinavam um empreendimento garimpeiro com mão-de-obra Yanomami em seu território, além de tecerem duras críticas ao "Pedrinho", que diziam lutar pelo estabelecimento de garimpos Yanomami autônomos.

- por volta das 12:00 embarcávamos para Boa Vista.

IV - ÚLTIMA ESTADIA EM BOA VISTA

6/9/99 - por volta das 13:00 hs., chegávamos ao aeroporto de Boa Vista, de onde nos dirigimos ao Hotel Casa Nova.

- constatando o aumento de preços de suas diárias, pesquisamos outros hotéis, e conseguimos uma vaga no hotel Euzébio's - muito mais barato e muito melhor - frequentado sobretudo por pilotos.

- entramos em contato com Carlo em Boa Vista, com o qual marcamos encontro à noite, na CCPY. Entramos em contato com nossa esposa em São Paulo, que nos informava que nosso afastamento não fora autorizado, e que nossas férias expiraram em 5/9/88.

- entramos em contato com a residência de Dr. Mozart, onde deixamos, em recado, nosso telefone no hotel, solicitando que nos procurasse o quanto antes (teríamos de fazer um relatório do ocorrido, bem como devolver-lhe um estetoscópio e um esfigmomanômetro, que nos fornecera).

- à noite nos encontramos com Carlo, no escritório da CCPY, ao qual relatamos o que presenciamos na área. Devolvíamos o equipamento de pequena cirurgia da equipe de saúde da CCPY, bem como rede, cantil, tela de mosquitos e a capa de chuva que leváramos ao Paa-Piú. Retirávamos parte de nossa bagagem, que lá deixáramos antes de partir. Carlo se encarregara de marcar um encontro com Dom Aldo.

- como Dr. Mozart não nos procurara, telefonamos novamente, e este disse que nos procuraria pessoalmente no dia seguinte, no próprio hotel.

- informações sobre o movimento do aeroporto de Boa Vista, sobre o garimpo e pistas de pouso, em conversas com os pilotos.

7/9/88 - Feriado (fechado todo o comércio, não pudemos verificar e confirmar nossa passagem de volta a São Paulo)

- Carlo nos confirmava, por telefone, o encontro com D. Aldo, no mesmo dia à noite.

- novo telefonema a Dr. Mozart, que não nos procurara (como sempre...), em que combinamos um encontro na manhã do dia seguinte, no próprio hotel.

- encontro com D. Aldo em sua residência, e relatório verbal de nossa viagem ao garimpo.

8/9/88 - confirmamos nossa passagem de volta a São Paulo e constatamos que como a CCPY emitira passagem "econômica" de Boa Vista a Manaus, não poderíamos embarcar, em 9/9/88, no voo das 11:30 horas a Manaus. Teríamos que aguardar o voo das 23:45hs., que chegaria em Manaus por volta das 2:00 horas (horário local). Teríamos que tomar o voo das 3:00 hs., em Manaus, para São Paulo. Como consideramos que nossa viagem, até aquele momento, fora bem menos dispendiosa que o previsto, em função de nosso próprio empenho pessoal, achamos justo buscar adequar nosso voo de regresso para um horário mais conveniente, de modo que pudéssemos chegar em São Paulo mais descansados, e num horário que não causasse estorvos a minha esposa e filhos (que desejavam nos buscar no aeroporto). Investigando sobre a possibilidade de cobrirmos a diferença entre tarifa econômica e tarifa normal com o que ainda nos restava da verba referente às nossas "diárias", de modo que pudéssemos embarcar ainda no mesmo dia, no voo das 11:30, fomos informados que nesse meio tempo houvera reajuste global de preços, e que tal diferença representaria um valor em torno de Cz\$27.000,00.

Ainda buscando uma possibilidade mais econômica, achamos mais conveniente embarcarmos no mesmo voo das 23:45 hs. para Manaus, e lá pernoitarmos (a diária do hotel seria necessariamente bem menor que Cz\$27.000,00), para no dia seguinte tomarmos o voo das 15:00 hs. para São Paulo.

- como Dr. Mozart novamente falhara com seu compromisso, e não dera qualquer sinal de vida, indignados, fomos até a Secretaria de Saúde do Município, onde trabalhava, e nos recusando a aguardar que estivesse livre para nos atender, simplesmente ali deixamos, com sua

secretária, o estetoscópio, e o esfigmomanômetro.

- ironia do destino, à noite nos encontramos casualmente no aeroporto, onde se mostrou bastante constrangido de nos avistar acenando-lhe (encontrava-se em companhia de alguns "colegas" políticos). Procurou-nos após, em particular, e suas primeiras questões foram: "e então, como é que foi lá? dá para montar um bom negócio ali na pista? dá para ganhar dinheiro?..."

Indignados, revoltados, mas contendo-nos para não provocar uma situação que inviabilizasse possíveis retornos à área, por seu "intermédio", procuramos responder, polidamente, que "sim"... Soubemos que alguns dias antes fora procurado por um "tuxaua" que lhe propunha montar uma equipe de exploração do garimpo em seu próprio território...

9/9/88 - por volta das 2:00 hs. (hora local) chegávamos a Manaus, onde nos dirigimos ao hotel "La Selva", que consideramos de um preço razoável (diária em torno de Cz\$7.000,00)

- aproveitando nossa estadia em Manaus, adquirimos um jogo de lentes para nosso equipamento fotográfico (de cuja falta nos ressentimos, aliás, em nosso trabalho de documentação no garimpo), além de um vídeo-cassete.

- às 15:00 hs. embarcávamos para São Paulo.

CONCLUSÕES

Objetivamente, muitas informações estratégicas puderam ser obtidas sobre o garimpo, sobre a invasão do território Yanomami e sobre o quadro geral de saúde de índios e garimpeiros, apesar de nossa curta permanência na área de garimpo propriamente dita:

1. Dados relativos à "ocupação" (leia-se invasão) do território Yanomami pelo garimpo

- não há estatística organizada a respeito; de qualquer maneira, os dados fornecidos pela Associação dos Garimpeiros de Roraima se mostraram bastante inferiores aos de uma média aproximada das diversas outras indicações. Segundo seu presidente, atualmente já haveria mais de 30.000 garimpeiros na área, proporcionalmente distribuídos em torno de alguns núcleos principais:

NÚCLEO	Nº APROXIMADO DE GARIMPEIROS	TEMPO APROXIMADO DE EXPLORAÇÃO
Rio Aracaçã	N 3.000	2 anos
Rio Couto de Magalhães	N 8.000	2 anos
Serra da Mocidade	N 2.000	2 anos
Catrimani	N 3.000	2 anos
Rio Arame	N 3.000	2 anos
Rio Surubaia	N 2.000	2 anos
Rio Tinoro	N 3.000	2 anos
Rio Apiaú	N 4.000	3 anos
Rio Mucajaí	N 3.000	3 anos
Rio Pacu	N 2.000	3 anos

- dentre as várias "fofocas" (citadas apenas acidentalmente ou com muita cautela e imprecisão), tivemos a confirmação de uma importante "fofoca", que já vem sendo explorada, na região do Surucucus; aliás, tal região povoa o imaginário da "sorte grande" de muitos garimpeiros. Segundo informação vazada em momento de descuido de um dos "pesquisadores", um dos pontos de entrada na região do Surucucus é a área do Pico Redondo.

- segundo alguns pilotos o número de pistas de pouso construídas na área já passa de 30, e o número de "clareiras" de "lançamento" e de pouso de helicóptero já passa de 1000.

- quanto às formas de exploração, podemos verificar que atualmente o chamado garimpo "manual" só é praticado na fase de "pesquisa" do solo e das jazidas auríferas. A tendência geral é de que após alguns meses de "pesquisa" (2 ou 3 meses, no máximo, quando se verifica a potencialidade da jazida) as máquinas rapidamente se instalam, com toda a "turma" (cerca de 6 a 10 homens), o equipamento e os mantimentos necessários, o que se justifica, aliás, pelo custo relativamente baixo de tal empreendimento (em agosto/88, o custo geral de 1 par de bombas Tobata, com "base", "mangueiras", "carpete", tela de garimpeiro, óleo combustível e mantimentos para cerca de 1 mês, moto-serra, além da passagem aérea para 6 homens até a área do garimpo, girava em torno de Cz\$6.000.000,00). Há garimpo de balsa (mergulho) nos rios Aracaçã, Apiaú, Couto de Magalhães, Mucajaí.

- atualmente, há cerca de 100 pequenos aviões no pátio do aeroporto de Boa Vista (e nas "fazendas de manutenção", próximas à cidade), que praticamente operam no e para o garimpo. Espera-se para breve uma

grande leva de aparelhos e pilotos, procedentes de Itaituba, no Pará, em vista da diminuição do movimento e das demandas dos garimpeiros daquele estado, e da grande explosão dos garimpos de Roraima.

- o aeroporto de Boa Vista tem registrado um aporte diário de cerca de 180 passageiros, dos quais a grande maioria é de garimpeiros.

- com a reabertura da estrada Boa Vista-Manaus, em vista da diminuição das chuvas neste período, certamente terá lugar um afluxo muito maior de garimpeiros a Roraima, em transporte terrestre (bem mais acessível que o aéreo)

- em função destes dados, e considerando o fato de que as eleições próximas já retêm muitos garimpeiros (ou futuros garimpeiros) nas proximidades de suas sedes eleitorais (grande maioria de nordestinos, e dentre estes, nítida predominância de maranhenses), várias previsões coincidem no número de cerca de 100.000 garimpeiros no território, até o final de 1988.

- os garimpeiros estão armados, sendo continuamente munidos de armas e munições, e não apenas com rifles de caça, mas com armas automáticas e semi-automáticas (uma das mais difundidas são as pistolas semi-automáticas 76,5 mm, de 15 tiros) - estas muito temidas pelos índios. O controle de entrada de armas, álcool (- e mulheres -) efetuado pela polícia militar (facilmente corruptível, aliás) na pista do Paa-Piú é fictício (por exemplo, ninguém nos revistou, a nós ou aos outros passageiros garimpeiros de nosso voo proveniente de Boa Vista); e mesmo se o controle no Paa-Piú fosse rigoroso, não traria qualquer repercussão sobre o grosso do aporte de armas e álcool, que são devidamente acondicionadas entre sacos de arroz e farinha e "lançados" às clareiras.

- a "torre de controle" do aeroporto de Boa Vista não exerce qualquer "controle" sobre os voos ao garimpo, embora autorizada a indeferir todo plano de voo ou solicitação de decolagem para estas áreas, visto que já se tornou expediente de rotina entre os pilotos (aliás de pleno conhecimento da torre), estabelecer falsos planos de voo, e prestar falsas informações ao solicitar decolagem pelo rádio).

2- Devastação, poluição de águas e situações sanitárias nas área de garimpo

- embora não tivéssemos condições de registrar as áreas de desmatamento em suas dimensões e localizações, podemos afirmar que, de modo geral, este se dá pela derrubada de árvores (tanto que a moto-serra faz parte do equipamento básico para a abertura de "grotas"), não por queimadas.

- pudemos constatar que o uso de mercúrio ("azougue") é constante, na

fase de "limpeza" do ouro recém-extraído, sendo, contudo, mais intenso nos locais de garimpo "de mergulho" (informações reveladas com muita cautela pelos garimpeiros)

- um dos sinais do material aurífero seria, segundo experientes garimpeiros, o surgimento de uma camada de um tipo de lama cinzenta, chamada de "lagresa", que ocorre por volta do 4º metro de profundidade do subsolo desbastado - ao que tudo indica, tal material, ao contato com a pele humana, em poucos dias de trabalho, desencadearia rapidamente um quadro cutâneo vesiculoso, pruriginoso e doloroso, chamado de "rói-rói".

- tanto o "azougue" usado, quanto a lagresa desbastada, além da imensa quantidade de barro produzido pelo simples impacto dos jatos d'água das máquinas, todos estes componentes são lançados, direta ou indiretamente, à correnteza dos rios, que, segundo o velho Yanomami do Ig. Herouú, vêm se tornando progressivamente impraticáveis para a pesca, no decorrer destes 2 anos (com a entrada do garimpo "mecanizado"). A caça tem também fugido, talvez devido aos ruídos de máquinas nas proximidades, e ao grande aumento de presença humana predatória.

- dentre as doenças mais encontradas no garimpo estão:

1. Leishmaniose

2. Malária- já com inúmeros casos autóctones (além dos "importados")

3. Hepatite

- há possivelmente uma epidemia de malária instalando-se entre os Yanomami do Herouú, situação esta certamente bastante próxima às de outras áreas, em que se registram (segundo informações do funcionário da FUNAI no Paa-Piú) vários casos de tuberculose, pneumonia e desnutrição.

3. Da organização operacional e política do garimpo e dos garimpeiros, suas articulações com outros grupos sócio-econômico e instituições

- embora não disponhamos de dados mais concretos e precisos sobre a trajetória histórica das associações de garimpeiros no Brasil, podemos afirmar que a associação dos garimpeiros do Território de Roraima (liderada por "Baixinho") mantém considerável autonomia em relação à(s) congênere(s) no país; alimentava, inclusive, as pretensões de transformar-se em sindicato, e isso a curto prazo (a campanha de cadastramento seria uma das condições para tanto).

- embora "Baixinho" fosse considerado bastante honesto e bem intencionado por boa parte dos garimpeiros (diferentemente de José Altino, considerado muito inteligente e menos honesto), estes não se

desgaste da imagem da FUNAI e da Igreja (sobretudo a católica), considerados, quase que indistintamente, como os principais inimigos dos garimpeiros.

- está confirmado que, ao menos na região do Paa-Piú, "líderanças" indígenas comprometidas com a FUNAI (como João Davi) estão promovendo o aliciamento de seus parentes Yanomami para integrar turmas de garimpeiros, além de indicarem jazidas auríferas até então desconhecidas, em "negócios" e empreendimentos aparentemente vantajosos (quando não "lucrativos") para os mesmos índios. Por sua vez, outros Yanomami são conhecidos por tentarem organizar empreendimentos indígenas autônomos no próprio garimpo ("acusação" de João Davi a Pedrinho, da 4ª maloca).

- a organização operacional interna do garimpo não está submetida a qualquer recomendação ou normatização de cunho legal. Tanto o próprio direito à exploração de determinado terreno por uma certa pessoa ou grupo (quando por eles foi "descoberto") quanto os procedimentos coletivos frente às mais diversas situações, estão sob a influência apenas de um certo "código de ética", tácito porém bastante consensual e respeitado.

- na hierarquia de mando (e econômica) do garimpo ocorrem 7 tipos básicos de personagens (em ordem crescente de "importância" e privilégios):

- peão
- "cozinheira" (frequentemente prostituta)
- gerente de turma e maquinário
- proprietário de maquinário (pequeno empresário dono de um mínimo de 2 bombas)
- proprietário de "cantina"
- proprietário de pista de pouso
- proprietário de aviões e helicópteros

e atualmente há possibilidades bastante concretas de que um peão, minimamente habilidoso e dotado de alguma sorte, ascenda rapidamente por esta escala.

- de modo geral, há um relacionamento bastante cordial entre garimpeiros e pilotos, que buscam com afincado manter uma política de boa vizinhança (em vista mesmo de sua inevitável simbiose de trabalho). No entanto, os pilotos em geral demonstram, na sua intimidade, um franco desprezo por aqueles ("ignorantes", "incultos", "grossos", "desonestos"), que por sua vez os consideram ("safados", "exploradores", "desonestos", "egoístas", "capitalistas"). Dentre as "situações-padrão", regidas por comportamentos eminentemente éticos, está a remoção obrigatória (e gratuita), via aérea, de qualquer acidentado ou enfermo, para Boa Vista.

- o relacionamento de ambos, garimpeiros e pilotos, com a polícia militar no Paa-Piú, é tão mais cordial, de modo geral, quanto mais corruptos (e subornáveis) forem estes policiais. Houve tempo em que estes estariam cobrando cerca de 10g. de ouro por pouso no Paa-Piú (taxa padrão cobrada pelo pouso em quaisquer pistas "particulares"). "Baixinho" também gaba-se de ter sido ele o responsável pelo fim desta prática no Paa-Piú, pois teria ameaçado denunciar os envolvidos a autoridades superiores. Além disso, confirma-se a participação de vários PMs. em empreendimentos no garimpo. Dentre estes pudemos ter apenas a confirmação do nome do tenente "Mota", que seria proprietário de vários "pares de máquina".

- em sua maioria, os garimpeiros têm demonstrado maior preferência política e simpatia pelo grupo do deputado Otomar de Souza Pinto, do que pelo de Mozarildo Cavalcanti, cuja imagem parece ter sofrido algum desgaste no Território, nos últimos anos.